

LINGUAGENS VÍDEO-GEOGRÁFICAS: POTENCIALIZAÇÕES POÉTICAS EM IMAGENS

Video-geographical languages: poetic potentiality on images

Djeovani Roos¹

RESUMO

A ereção do pensamento advém das afirmações das diferenças a se anunciarem espacialmente no gozo dos acontecimentos. A transa dos acontecimentos reverbera no orgasmo de nossas localizações e orientações espaciais que desfrutamos na dinâmica espacial do mundo. A arte permite nos desenraizar, correr sem ficar encravado em pontos fixos, alimentar outros seios e anseios desejantes, para no encontro dos corpos nos encontrarmos sempre em processo de fazer-se. Dialogando arte e ciência, videoclipe e geografia, é mote de nossa ousadia nesse ensaio gozado e poético, a refletir as multiplicidades das relações que envolvem os corpos no encontro das experiências e experimentações que espacializam os fenômenos no ato de se localizar e orientar. Intentar outras formas de ver, ler e se relacionar com o mundo em suas diferenciações a se diferenciarem é a força poética que faz o pensamento ejacular, estimulando e engajando estratégias de resistência e chamando a vida para transformação.

Palavras-chave: Linguagens Geográficas. Multiplicidade. Espacialidade. Videoclipes. Imagens.

ABSTRACT

The erection of thought arises from claiming the differences that are spatially announced on the events fruition. Events' intercourse echoes on our location and spatial orientation orgasm through which we enjoy the world's spatial dynamics. Art allows us uproot, run without getting stuck in fixed points, feeding other breasts and desiring wishes for, on the meeting of bodies, always encounter ourselves in process of making the self. Dialogues between art and science, video clips and geography, is our bold motto in this fun and poetic essay, reflecting the multiplicities of relations involving the bodies that meet experiences that spatializes the phenomena in the act of locating and guiding. Pursue other points of view, read and relate to the world in its differentiations that differentiate is the poetic force that makes the thought ejaculate, stimulating and engaging strategies of resistance and calling for life transformation.

Keywords: Geographical Languages. Multiplicity. Spatiality. Videoclips. Images.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD (MS). Membro do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas. djeovani_roos@yahoo.com.br.
✉ Rua Alecrim, 905, Augusto I, Marechal Cândido Rondon, PR. 85960-000.

INTRODUÇÃO: PENSANDO COM O OLHAR – OLHANDO COM O PENSAMENTO...

Seja nas ciências como nas artes, o homem desenraizado é um homem em constante processo de fazer-se.
Renato Suttana

O olhar que se lança no invólucro deste trabalho não se debruça em uma lógica da qual é preciso haver a morte de um saber para renascer outro que o substitua, como que fosse uma fênix renascendo das cinzas! Mas reacendendo os saberes dos discursos científicos, estimulando outras formas de pensamento que se desgrudam dos discursos uniformizantes, possibilitando outras maneiras de ver e pensar o mundo.

Vamos pensar a aleatoriedade espacial enquanto promiscuidade das relações reverberantes espacialmente. Ao se propor o termo **promiscuidade** nos remetemos para o sentido e relação que desperta no âmbito das multiplicidades inerentes ao mundo. Ou nos contextos de linguagens, o ser promíscuo ou a promiscuidade revelam as contingências das experiências, diante disso podemos intentar a pensar a promiscuidade do espaço, calcado na perspectiva de análise em que desmistifica o uso linear da linguagem para pensar outros sentidos de entendimento das configurações espaciais e da dinâmica do mundo. São dessas relações promíscuas que as diferenças se pronunciam.

Ao pensarmos essas peculiaridades podemos transbordar para as concepções das imagens anunciadas nos vídeos ou nos vídeos. Desfrutamos para o modo como os vídeos são compostos imagneticamente, no qual há uma promiscuidade de elementos e imagens que são abordados para expor um pensamento, uma ideia, revelando os seus sentidos criativos, o que nos lança novamente para os aspectos do ser/pensar a contingencialidade das experiências, nas elucubrações imanentes da vida.

Essa multiplicidade dos vídeos – videoclipes –, de seus aspectos imagéticos criativos, da poética reveladora, são sentidos que estão no processo de pensamento do fora, fora enquanto virtualidades, mas que se atualizam ao entrar em contato com as nossas percepções, sensações e concepções de mundo, resinificando outros sentidos de vivências, instaurando outras formas de pensamento para o mundo em que vivemos. Ao utilizarmos a palavra promíscua estamos chamando a atenção para os efeitos provocativos das imagens, aqui reverberadas pelos videoclipes, que pressiona o pensamento a instaurar outros sentidos e narrativas de leitura do mundo, atualizando o que estava posto virtualmente no fora. Ou, para melhor fundamentar esse pensamento, “Não existe estagnação no mundo promíscuo das formas: as coisas, quando próximas, revelam-se fecundas e “transbordam” de seus limites” (SUTTANA, 2009, p. 76), revelando a multiplicidade dos fenômenos no encontro com o pensamento, atualizam-se constantemente na dinâmica espacial do mundo, reverberando devires sempre em processo dos acontecimentos.

Podemos pensar essa promiscuidade dos videoclipes como forças desejantes que se intensificam pelas suas formas interventoras e criativas. São forças que se movimentam num constante processo de desterritorialização e reterritorialização do pensamento, revelando assim a sua potencialidade poética criadora que se intensifica quando em contato com o mundo e com as múltiplas possibilidades coexistentes que se encontram espacialmente.

Ao intentarmos a intervenção criadora das imagens compostas em videoclipes podemos dizer que se estabelecem sentidos rizomáticos² de pensamento, pois se presume que os videoclipes compõem-se

² **Rizoma:** “[...] conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza [...]. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43).

de uma estrutura imagética que nem começa e nem cessa, mas está sempre num processo constitutivo de pensamento. Isto pode ser observado a partir do momento em que esse processo imagético é criado e dos encontros que vai reverberando ao longo de sua divulgação e consumo imagético pelas pessoas. Em que a sua reprodução não se estatiza num invólucro representacional pictoricamente, mas são linhas de força que vão promovendo outros sentidos de pensamento, diferentemente um do outro, sendo essa a relevância das composições artísticas em que possibilitam agregar sentidos de valores diversos a cada contato estabelecido e flexionando para outros sentidos de mundo. O que pode nos deslocar para outras direções ou orientações das quais nos articulamos espacialmente. Podemos pensar que, talvez aí, esteja o sentido rizomático da composição artística dos videoclipes, em suas heterogeneidades, pois está sempre num processo de fazer-se, criativamente, explorando as leituras diversas que se possam obter e brotar do/no mundo.

Nesse limiar de pensamento, Mello (2008) propõe pensarmos na ideia de que o vídeo não pode ser considerado como um produto acabado de linguagem, nas manifestações de seus encontros, “[...] mas sim como um processo, em que as outras linguagens e seus reflexos co-participam da experiência artística sem um estatuto hierárquico”. Nesse invólucro de percepção do vídeo, a autora continua afirmando que “[...] a sua linguagem é colocada em discussão a partir de outras linguagens, como uma convergência incessante de contrários, geradora de síntese e potencialidade poética” (MELLO, 2008, p. 139).

Se assim procedem as descentralizações imagéticas configuradas pelos vídeos, é nesse instante que podemos encontrar a sua força criadora de pensamento e, nos arriscamos a afirmar, do espraiamento da potencialidade poética dos videoclipes para com o pensamento

rizomático na interação dos acontecimentos na espacialidade; amanhecendo as geograficidades dos fenômenos.

São nexos virtuais de pensamento que se atualizam no plano de consistência da obra de arte e que atualizamos na abordagem do pensamento geográfico, possibilitando outras leituras das narrativas que reverberam espacialmente no entendimento dos fenômenos no processo de localização e orientação do homem no mundo.

Ao pensarmos as forças existentes do fora, de acordo com o pensamento de Levy (2011), possibilitamos a abertura do pensamento ou da arte chamando a vida à transformação, colocando em prática estratégias de resistência. Ou, se assim entendermos, arte e geografia convergindo na potencialização do pensamento nas estratégias do ato de se localizar e orientar espacialmente.

Neste posicionamento interpretativo que resgatamos as potencializações poéticas das imagens para com o pensamento geográfico. Causando deslimites nas formas perceptivas das linguagens e no modo de ver o mundo; fervilhando atritos nas barreiras do pensamento desvencilhados na multiplicidade dos eventos e acontecimentos, nas articulações reveladoras dos sabores poéticos que rondam o mundo rastejando em asas flutuantes.

Isso, ao o que estamos querendo designar, é desabilitar os discursos existentes da linguagem para torná-la linguagem do mundo, isto é, a sua existência – devir – como linguagem das coisas (SUTTANA, 2009). Esses referenciais revelam as possibilidades potencializadoras do pensamento ao confluir as imagens com as linguagens geográficas, sistematizando outros vieses que correspondem aos processos dinâmicos da espacialidade e orientam para outras leituras de mundo. Dissolvendo as poéticas das relações espaciais para solver outros modos criativos da existência, saboreadas pelas experimentações e experiências da realidade.

Pensando na imanência que alocamos essas categorizações para pensar a força imagética geograficamente. Em que possamos forçar o pensamento geográfico a criar novas leituras espaciais das contextualizações do mundo e da dinamicidade das relações que se expõem e se espacializam, criando sentidos territoriais nas paisagens, imagetivamente instauradas. É nesse invólucro perceptivo que vemos as potenciais contribuições dos videocliques, em seu conjunto imagético, para pensar outras formas estratégicas em nossa busca de orientação e localização na espacialidade.

Ao propormos as imagens como conexões na relação com a geografia, estamos nos referenciando para a heterogeneidade das mesmas, das suas singularidades expressivas, instaurando novos sentidos na afirmação das existências e da realidade. Rejuvenescendo o olhar para a potencialização do conhecimento, enlaçando a força criadora das múltiplas poéticas inerentes, que reverberam nas contingências do pensamento e espacializam os fenômenos.

DESLOCAMENTOS ESPACIAIS

Ressaltamos que a vida anuncia-se pela diferenciação dos acontecimentos, diante disso, desfaz-se as alocações representacionais que reverberam sobre o espaço, promovendo um deslocamento da esfera representacional; em que se deixa de representar a vida para criá-la, instaurando outras possibilidades e estratégias de vida, na articulação da coetaneidade e da co-presença que se processam na criação do espaço (MASSEY, 2009). Doreen Massey (2009) ao salientar essas proposições nos orienta a pensar o espaço em sua forma dinâmica, eventual, no qual tempo e espaço não se apresentem como categorias separadas e opostas, mas que se compõem e se interrelacionam para formar o agora, para os encontros que se processam no agora. Vislumbra-

se, nesses interstícios, que a dissolução dos acontecimentos se dão no encontro dos corpos na contingencialidade espacial, produzindo as relações e negociações que se afetam nos arranjos das articulações, pode se pensar assim – em consonância com o pensamento de Doreen Massey – que são nesses contatos dinâmicos de movimentos múltiplos que a vida se dá e promove a dinâmica espacial do mundo.

Reportamo-nos às observações de Massey (2009),

[...] é a eventualidade do lugar, em parte, no simples sentido de reunir o que previamente não estava relacionado, uma constelação de processos, em vez de uma coisa. Este é o lugar enquanto aberto e enquanto internamente múltiplo, não capturável como um recorte através do tempo no sentido de um corte essencial. Não intrinsecamente coerente (MASSEY, 2009, p. 203).

Se sobrepujarmos essas interpretações e forma de pensar o espaço, aniquilamos as possíveis negociações que se processam momentaneamente na dinâmica espacial do mundo. Logo, caímos nas ambivalências das reproduções discursivas que elencam o espaço enquanto um nódulo estagnado, que não sofre interferências em suas composições, que não necessita ser visto numa manifestação cotidiana das relações que ocorrem e operam nos lugares, acaba-se veiculando as contextualizações espaciais às estruturas formatadas, que já se compõem de uma postura e de uma aplicabilidade, devendo ser posta em prática e colher os resultados. As mutações e mobilidades recorrentes não se fazem interessante nessa visão. Essa forma de ver o mundo e a espacialidade entra em contradição com o próprio movimento do mundo, que se anuncia e intensifica num constante processo de encontros e desencontros, reestruturando-o momentaneamente, se fazendo, desfazendo e refazendo num

processo que não se configura linearmente, mas sempre num processo de fazer-se.

O espaço como fluxo aberto permite nos direcionar e caminhar fora dos limites estabelecidos do mundo conhecido, permitindo usurpar a beira da estrada, indo de encontro com o desconhecido, desvendando as fendas e percebendo as rupturas do espaço (MASSEY, 2009), vivenciando os deslimites espaciais.

Pois tal espaço implica o inesperado. O especificamente espacial dentro do tempo-espaço é produzido por isso – algumas vezes por um acaso circunstancial, outras não: arranjos-em-relação-um-com-o-outro, que é resultado da existência de uma multiplicidade de trajetórias (MASSEY, 2009, p. 166).

A questão é entendermos que sempre há forças atuantes que implicam nas modificações espaciais que orientam e reorientam a espacialidade. A espacialidade sendo o conjunto das relações, dos acontecimentos que se processam e vagueiam no espaço. Reforçando esse entendimento, Santos (2007, p. 1) assinala que “Reconhecer o lugar em que estamos exige muito mais que a familiaridade das formas, é preciso que os acontecimentos também sejam reconhecíveis”.

E podemos observar que as imagens instauram essa capacidade/possibilidade de potencializar o reconhecimento dos acontecimentos que se processam espacialmente, contextualizando as possíveis orientações e localizações na articulação/relação dos fenômenos geográficos.

Para exercermos essas atualizações de pensamentos que focamos os questionamentos e as relações dos modos de ver científicos da geografia com as imagens pronunciadas pelos vídeos, resgatando os olhares do saber dentro das potencializações artísticas das obras de arte que potencializam outros sentidos de mundo.

Utilizando do pensamento de Douglas Santos (2007) quando nos diz que precisamos reconhecer mais do que a familiaridade das formas para exercer as nossas habilidades de localização espacialmente, apregoando o reconhecimento dos acontecimentos que ali reverberam e se fazem presentes, é interessante notar como as imagens se encontram intrinsecamente inseridas nas nossas formas de reconhecer o lugar e nos localizar, as quais desempenham uma funcionalidade de fornecer informações que permite nos orientar no caos das relações vertiginosas da espacialidade.

Assim como Doreen Massey (2009) nos chama atenção que o espaço é composto pela eventualidade dos acontecimentos, resultantes da multiplicidade de trajetórias que se fazem presente e se refazem constantemente, é que encontramos e visualizamos a multiplicidade imagética imbricada nessas relações articuladas na dinâmica espacial do mundo.

Para melhor entender o que estamos querendo dizer, olhamos mais adiante.

GEOGRAFIAS E VIDEOCLIPES: O CAMINHO É MÚLTIPLO

Pensando as potencializações espaciais que podem ser circunscrita a partir das imagens, as quais permitem a atualização do pensamento, possibilitando obter outros arranjos imaginativos que intensificam a leitura da dinâmica espacial do mundo, aspiramos as potencializações que podem reverberar dos vídeos no pensamento das geografias que pairam na suspensão do ar. Destacamos essas geografias penduradas em linhas de pipas para englobar as concepções geográficas na relação/ligação com os processos imagéticos, suscitando os sentidos interpretativos que os vídeos despertam ao estabelecermos a contextualização dos referenciais geográficos,

deslocando o pensamento geográfico para outras possibilidades de ver e ler a dinâmica espacial do mundo; introduzindo no pensamento forças criativas na contemplação de outras espacialidades.

Perscrutando os embasamentos que a relação imagética dos vídeos possibilita na potencialização das interpretações geográficas e imaginações espaciais. São nesses caminhos que as análises aqui percorrem, transitam, aludem-se, rasuram, ruminam.

Exercitamos esse pensamento na análise do videoclipe “Essa Canção Francesa” cantada/interpretada por Thiago Pethit & Tiê, clipe dirigido por Rafael Barion & Adams Carvalho³. Tratando-se de um vídeo de animação, há um personagem masculino central deslocando-se pelas vias/ruas da cidade de bicicleta, tendo como referência apenas uma imagem/foto correspondente ao local onde se encontra a pessoa amada, a qual deseja encontrar. O que temos de início é a geometria da cidade, com suas ruas, construções, anúncios, etc. Esse deslocar do personagem lhe direciona para vários lugares na procura/busca de encontrar o local desejado. Fato este carregado de referenciais geográficos que englobam os processos de localização e orientação na espacialidade.

Havendo diversos encontros pelos caminhos percorridos que se dão na pulsação da vida, mas o seu foco concentra-se a achar o local de seu destino, comparando com a imagem da fotografia que tem consigo com as construções existentes, que despertam certa semelhança com a imagem – tratando-se da imagem de uma torre (**Torre Eiffel**, supostamente – por se tratar de uma **canção francesa**) –, para encontrar o local indicado, como pode ser visto na Imagem 1 abaixo. Quando, de fato, percebe que a imagem não correspondia a uma construção

exatamente, os seus sentidos mudam completamente, tomando outras direções, pois a imagem referencia outro lugar, aonde a pessoa por quem procura encontra-se hospedada, esse evento inesperado cria outros sentidos espaciais ao perceber a relação entre as imagens, pois os referenciais de orientação se transformaram em outras formas de leitura do espaço, que o levou a pedir imediatamente informação sobre a pessoa que estava procurando, posteriormente saindo em busca de encontrá-la, pois a mesma acabara de sair do local onde estava.

Podemos perceber nessa análise que a imagem pode despertar vários sentidos espaciais que irão direcionar e orientar o homem – ou no caso do videoclipe, o personagem – na manifestação da espacialidade. Ou, possibilitando-o localizar-se espacialmente diante dos fenômenos que se apresentam na contingencialidade das relações, nas múltiplas trajetórias a se diferenciarem espacialmente, nos acontecimentos a se chocarem e conflitarem os seus anseios. Ou seja, a imagem que se apresenta não se restringe a uma única visão de mundo, de início ela apresentava-se para o personagem do clipe como uma representação de algum edifício, que permitiu se orientar através dessa percepção, mas ao se deparar com outra imagem que expressava uma marca registrada de um local – no caso o hotel – semelhante à fotografia/imagem, – ou mesmo podendo ser um cartão postal do lugar –, trouxe outros sentidos interpretativos para o personagem, que no processo de repetição imagético a diferença se faz presente, o que agencia e possibilita resgatar outras orientações/direções espaciais de suas experiências vivenciadas.

Nesse sentido, essas concepções permitem elaborar referenciais conceituais para os indivíduos melhor se orientarem e se localizarem no mundo a partir do lugar em que se encontram (FERNANDES, 2010), como podemos perceber no clipe, o personagem ao se deslocar

³ “Essa Canção Francesa” é uma música cantada e interpretada por Thiago Pethit & Tiê, composta por Rafael Barion e Thiago Pethit, ela faz parte do EP “Em Outro Lugar”, de Thiago Pethit, lançado em 2008. Tem duração de 2’52”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnjgf2-_TKo>.



Figura 1 – A imagem nos encontra.

Fonte: Frame do videoclipe “Essa canção francesa”, dirigido por Rafael Barion & Adams Carvalho, 2008.

especialmente tendo a figura imagética como meio articulador da sua localização, apontando para a sua vontade de chegar ao destino, almejando a sua busca ao encontro desejado com a pessoa amada. Assim é possível entendermos como as nossas experiências de vida estão conectadas com os encontros que estabelecemos espacialmente no processo de localização diante da dinâmica do mundo. Pois todo um conjunto de referenciais das experiências vivenciadas é agenciado a partir da imagem, fazendo com que o personagem se desloque territorialmente, criando sentidos de estar neste determinado lugar, reverberados por seus desejos.

Podemos melhor entender esses sentidos de pensamento ao que Fernandes (2010) destaca:

Quando esses diversos sentidos perceptivos se relacionam com nossa memória, com nossa capacidade de racionalizar e enunciar significados, o espaço geográfico passa a ser um constructo humano que não mais se elucida pelo mero recurso da palavra empregada num padrão lógico-gramatical, mas da interação desta com demais elementos que auxiliam ao ser humano se orientar e se localizar no mundo, sejam esses imagéticos, sonoros, artísticos etc. (FERNANDES, 2010, p. 127).

Vejamos isso da seguinte maneira: o espaço não se dá somente enquanto uma base física das relações humanas, como palco onde o homem/a sociedade se apresenta para o mundo aplaudir. Os contextos perceptivos inter-relacionam-se na espacialidade e esses possibilitam ao ser humano se orientar e se localizar no mundo, pois esses elementos interagem com o intelecto, reagindo em outros sentidos e percepções que direcionam as ações espacialmente. Isto é, as sensações que esses fenômenos imagéticos, sonoros, artísticos, audiovisuais trazem para o plano do pensamento proporcionam a elaboração dos sentidos espaciais ao desdobrar-se na esfera dos acontecimentos vivenciados no mundo. Sentidos aos quais se podem perceber o espaço e se orientar nele para além de uma padronização lógica dos fenômenos, onde os elementos encontram-se envolvidos e articulados na contingencialidade que compõe a dinâmica da vida.

Geralmente o cotidiano nos faz agir mecanicamente e as imagens, quando alçadas no campo sensorio, força a pensar em outras situações e acontecimentos que reverberam no mundo. Ora, por mais simples que possa ser ou parecer, ao parar para analisar o que a imagem está reproduzindo ou induzindo já é uma forma dela estar tangenciando o nosso pensamento, pois se nos fizerem refletir minimamente já se têm uma força, uma potencialização ou aguçã indícios para se desterritorializar de um pensamento mecânico e direcionado. Fato este que levou o personagem do clipe se desdobrar espacialmente a procura de uma pessoa, essa busca se deu dentro de um conjunto de referenciais espaciais que permitiu a sua leitura do lugar por onde passava, localizando-se por meio dos fenômenos ao identificá-los. A imagem aí colocada ou a geografia instaurada não se configura numa representação, mas sim na criação de sentidos que permitiu o personagem criar o seu modo de ver o mundo e se direcionar em meio à espacialidade urbana da qual se encontrava.

A imagem estabelece uma relação com a sociedade, uma comunicação entre as pessoas que passam e observam, mesmo que isso se dê de forma totalmente despercebida, sintetiza uma aproximação entre a realidade em movimento cotidianamente e a preservada na imagem, não enquanto representação de mundo, mas que essa preservação imagética se relaciona com a dinâmica da vida. Sendo assim, ultrapassam-se os limites do visível e se relaciona com o sensorio, conectando-se com o consciente e o inconsciente das pessoas.

Essa relação que a imagem estabelece com os liames dos acontecimentos, dos sentidos que se afirmam espacialmente conduz ou incentiva o encontro dos corpos espacialmente e das condições de negociação que imperam na dinâmica da espacialidade.

Essas predisposições abordam a questão da imagem enquanto linguagens potenciais para a ciência geográfica (BONIFÁCIO, 2013) e

para pensarmos politicamente a espacialidade, que se atualizam pelas relações socioespaciais, entendida enquanto conjunto múltiplo das relações, não única e exclusivamente humana. Ao que Massey (2009, p. 98 – grifos da autora) afirma, “[...] o espaço é a dimensão **social** não no sentido da sociabilidade exclusivamente humana, mas no sentido do envolvimento dentro de uma multiplicidade”. Mediante esse entendimento, observa-se que as imagens transpassam as barreiras da percepção na medida em que se adensa pelas rupturas da paisagem, isto é, transformando a paisagem na medida em que há o contato e a relação com os sujeitos que vivem no lugar.

Vejam os a isso em outra visão de compreensão imagética: “A imagem é um ato, e não uma coisa ou simples depósito de informações. Logo, sempre resulta de forças sociais que permitem sua existência. A imagem constitui uma dimensão do pensamento” (LUCAS, 2009, p. 116). São dessas forças atuantes e existenciais que significam as expressividades imagéticas e comungam com as territorializações que se processam na paisagem, provendo as imaginações/pensamentos no processo de orientação e localização na dinâmica espacial do mundo.

Já as autoras Mostafa e Nova Cruz (2010) argumentam que

Os corpos são pensados como imagens. Imagens são movimentos. Essas ligações entre as partes do corpo que formam o organismo humano e sua relação com o mundo são as percepções ou imagens. Portanto, pensar a vida é pensar a relação entre as imagens. Não há, na compreensão de Deleuze-Bergson, a mente, de um lado, e o mundo, do outro; o que há é um potencial para a relação [...] (MOSTAFA; NOVA CRUZ, 2010, p. 8).

A força imagética se dá na própria existência humana, em seus vínculos relacionais que se distribuem na espacialidade, configurando em outras potencializações imagéticas nos encontros que vão

vertendo pelos caminhos trilhados e negociados, como se procurou elucidar, perceptivelmente, na análise do clipe acima. A imagem faz parte das múltiplas contextualizações que configuram a dinamicidade do mundo. Ela é um constructo das relações e articulações ensejadas espacialmente, no âmago de uma multiplicidade aflorada socialmente.

Assim, o pensamento é tangenciado pelas imagens que se constroem na relação com o mundo e com a realidade, nas quais construímos signos e significados que reportam as nossas vivências, experiências e orientam a nossa leitura de mundo e a forma de ver e percebê-lo. Consequentemente, “Pelo fato de estarmos constantemente expostos às imagens, inevitavelmente utilizamos, interpretamos e construímos significados para elas”, afirma Bernardino (2009, p. 204), que potencializam as nossas percepções de mundo, logo, as rasuras e devires que se fazem presentes no constructo cotidiano. A espacialidade se circunscreve nesse jogo que vivenciamos na realidade e as “imagens são sombras da realidade” (BERNARDINO, 2009, p. 204) que possibilitam vivenciarmos e experimentarmos o mundo, nos orientando e localizando nele, engendrando os elos geográficos que se significam espacialmente no agenciamento dos acontecimentos.

A imagem reflete-se amplamente pelo campo da visão, mas é quando ela é intencionada conscientemente que seus significados se apresentam ou quando ela é significada pelas sensações que provoca, passa a integrar as visões e as leituras de mundo das pessoas. Mello (2009) enfatiza que

Imagens são mundos em que experimentamos o invisível. A partir do momento em que as imagens parecem saturadas pelo alto grau de entropia em que são disponibilizadas na contemporaneidade, eis que surgem novas formas de potencializá-las. Na medida em que resistem, elas entram num processo de constituição de uma nova ordem sensível (MELLO, 2009, p. 145).

Essas experimentações de mundos em que as imagens nos lançam, coloca-nos numa relação direta com o mundo, faz ver o mundo em suas virtudes e angústias e não enquanto um objeto a ser pensado, numa transcendência, rompendo com a cisão sujeito pensante/objeto pensado, estabelecendo as condições dos corpos se localizarem no contexto em que a vida acontece (FERRAZ; NUNES, 2012), ou seja, do mundo como lugar do encontro dos corpos, dos fenômenos em suas diferentes escalas de regionalização, formas e territorializações.

IMAGEM-PENSAMENTO: GEOGRAFIAS DO FORA

As inquietações surtidas pelas imagens provocam o pensamento. Essas experiências se constituem no fora, enquanto virtualidades que se atualizam no plano de imanência, isto é, nos acontecimentos da vida e encontros dos corpos. Aqui destacamos que os encontros são virtualidades que geram agenciamentos e intercessores, significando e ressignificando os desdobramentos na espacialidade. Essas invisibilidades que experimentamos das imagens nos colocam em contato com o mundo, deslocando o nosso pensamento ou instigando-o a pensar outras direções que se dão virtualmente, atualizando as nossas ações e engendrando os nossos movimentos ou relações na espacialidade. Pode-se dizer que as imagens têm a capacidade/possibilidade de tangenciar ou agenciar as “experiências do fora” que se relaciona/conecta com o pensamento na busca de diferentes estratégias de vida para o mundo em que vivemos (LEVY, 2011), possibilitando o nosso contato com a realidade.

Tais experiências são constantemente significadas ou simbolizadas nas relações que se pronunciam espacialmente, da articulação da sociedade com o espaço e no espaço. Essas expressões espacializam os acontecimentos territorialmente que se visualizam e se agenciam

na paisagem, no lugar. E esse agenciamento é que categoriza o processo de localização do homem no mundo, da sua movimentação espacial, desenvolvendo as suas articulações socioespaciais num constante processo de negociação. Podemos pensar/dizer que esse efeito é a contingencialidade da fervura espacial e que orienta as pessoas em suas manifestações, nos deslocamentos dos corpos. Tal possibilidade é o desdobrar das experiências vivenciadas e sentidas na eventualidade dos acontecimentos espaciais que se conectam no lugar, daí a necessidade de se observar, descrever e analisar as paisagens e os territórios no qual se encontram.

Entende-se, dessa forma, – a partir da concepção de geofilosofia de Félix Guattari e Gilles Deleuze (1992) – que os elementos constituidores do fazer artístico podem derivar num plano de referencial científico, o que se viabiliza pela força da geograficidade inerente aos processos de localização e orientação espacial do corpo/pensamento. O exercício do pensamento constitui uma atualização das experiências do fora (LEVY, 2011), das forças que virtualmente se pronunciam no fora ao ato de pensar, nas linhas do impensável. Pois, o ato de pensar não se restringe a uma formalidade do pensamento, são as diferenças ou as diferenciações anunciadas que forçam o pensamento a constituir as suas formas de pensar e a criar outras formas de ver/visualizar os acontecimentos. O desafio se encontra paulatinamente na reação que as diferenças causam, das forças que violentam, forças estas estranhas ao pensamento, que deslocam a sua ereção.

O fazer artístico pode ser concebido ou visto como uma afirmação das diferenças. Pois as suas composições sinalizam para o ato do pensamento ser um modo de existência, as singularidades que os compõem colocam em evidência as diferenças que flertam na plena consciência de instigar o pensamento a abordar em seu ato pensativo as derivações que se relacionam na articulação do mundo. Schöpke

(2004, p. 28) nos chama atenção para o fato de que “O pensamento, como atividade criadora, reinventa a existência e não se submete aos valores preestabelecidos. Ele os recria para si, produzindo uma nova apreciação das coisas e do mundo”. Entendendo, deste modo, o pensamento enquanto potência criadora na interlocução de suas diferenças.

Essa afirmação do pensamento pelas diferenças constitui-se na fuga do eixo centralizador das representações, promulgando a existência e desafiando a sua permanência de conduta livre dos modelos de representação (SCHÖPKE, 2004). O pensamento situando-se enquanto uma **máquina de guerra**⁴ na efervescência das existências para além das práticas sociais instauradas. Dentro do conjunto de situações que englobam o mundo são as diferenças que forçam o exercício do pensamento, para tanto, acreditamos ser nesse ponto que se encontra a potência criadora do fazer artístico, enquanto potencial a atinarem as diferenciações nos vícios do pensamento, que adensamos esta forma de pensar a partir das composições imagéticas em vídeos/clipes. Incrustamos essa forma de ver e perceber no sentido poético com que as imagens dialogam com o pensamento na singularidade de suas criações – observadas em videocliques; ora, tais criações são únicas e insubstituíveis, logo se pronunciam em diferenças a se diferenciarem que forçam o exercício do pensamento, exercício este que procuramos estabelecer relações para com o pensamento geográfico.

4 **Máquina de guerra**: conceito que implica ao pensamento a emergência da diferença; forças nômades a atuarem em suas inconstâncias desejantes, volúveis, nomadismo do pensamento. **Máquina de guerra** porque subverte, violenta, busca a violação do pensamento dominante. Afirmação das singularidades contra todos os meios de apoderação e de captura do Estado (SCHÖPKE, 2004). Formas de vida que se encontram sob condições de constante mudança, em constante devir, políticas de sobrevivências em meio às limitações instituídas pelo Estado. Para maiores informações vide a obra “Mil Platôs” de Gilles Deleuze & Félix Guattari e a obra “Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade” de Regina Schöpke.

Pensar o fora existente nas imagens – usurpando as sincronizações dos espaços geometricamente definidos e delimitados – é pensar a liberdade das diferenciações a se enunciarem e se atualizarem ao entrar em contato no íntimo de nossas sensações, pensamentos, desejos, viabilizados dentro da leitura de mundo que fazemos e estabelecemos. Instaurando outros sentidos interpretativos realçados pelo conjunto imagético articulado pelos videoclipes. Brotando novas formas de pensar, ver, existir, inventando novas dobras de existência e resistência na dinâmica do mundo.

CONSIDERAÇÕES – MÚLTIPLAS DIREÇÕES...

Destacamos que as imagens possibilitam pensarmos em outros tangenciamentos de pensamento e de ver e perceber o mundo, criando outras possibilidades de nos posicionarmos e estabelecermos leituras das narrativas da dinâmica espacial que engloba as relações e as negociações agenciadas no encontro dos corpos espacialmente. Pensarmos sobre essas questões nos faz refletir sobre a abertura de possibilidades com que a geografia pode trabalhar em seus contextos articuladores de pensamento e no processo de ensino. Da sua interação e interlocução com as contextualizações imagéticas no sentido de intensificar o pensamento geográfico, possibilitando se desamarrear dos discursos concretizados por meio da flexibilidade das linhas de fuga.

Pensar em processos de ensino em aberto são os referenciais que dialogam nessas linhas de pensamento das linguagens vídeo-geográficas. Videogeográfica porque apostamos na relação e na extensa comunicação com que pode resultar no encontro da geografia com os vídeos, como viemos propondo ao longo do ensaio na espacialização dos sentidos geográficos a partir das contextualizações imagético-artísticas dos videoclipes.

Essa junção de tal termo que elencamos permite pensarmos em outras possibilidades criativas de pensamento que se desgruda das fixações e passa a brotar de qualquer lugar, percorrendo infinitos caminhos e se movimentando para qualquer direção ou sentido, promovendo encontros que explodem em experimentações e experiências de vida, agregando valores de conhecimento e intensificando-os. São forças que implicam encontros constantes na contingencialidade espacial e suas imbricações são resultantes de processos de negociação política da convivência e coexistência múltipla da espacialidade.

As multiplicidades poéticas espaciais que se desdobram das interlocuções territoriais provocam a desterritorialização do pensamento para reterritorializá-lo em sentidos outros de leitura das incongruências dinamizadas do mundo e das manifestações mundanas que se territorializam espacialmente. As multiplicidades do lugar referenciam as poéticas que se constroem na dinâmica da espacialidade. Nessas significações que observamos o potencial das imagens na contextualização do pensamento geográfico, que podem possibilitar a leitura e a criação de referenciais geográficos que permitem compreender os fenômenos e nos localizar e orientar diante da espacialização dos acontecimentos em que o mundo se encontra.

E esse jogo de referencial se faz fundamental no processo de ensino e aprendizagem para integrar as diversificações e diferenciações que se produzem nessas intensas comunicações e negociações na dimensão da espacialidade, configuradas pelas ações dos corpos-pensamento. Pensar nas possibilidades que despojamos para realizar as leituras de mundo nos coloca diante das proposições artísticas que as imagens oferecem na contingencialidade dos efeitos que respiram espacialmente. Abordando outras formas de ver e se relacionar com o mundo, nas configurações das paisagens e das territorializações que emergem ao exercer os sentidos de reconhecimento do lugar e das formas que o integram.

Linguagens vídeo-geográficas: potencializações poéticas em imagens

Djeovani Roos

O mundo, o qual a ciência geográfica debruça os seus saberes, é composto por heterogeneidades e multiplicidades que se orientam para além, escapam à lógica de um pensamento fixo e enquadrado. Pode-se dizer, no entanto, que o espaço é consequência e delineações das multiplicidades. E para esse universo de entendimento dos fenômenos geográficos as imagens ampliam a percepção, forçando o pensamento no atrito da busca de outros sentidos de interpretação, saindo do que é determinado como geográfico *a priori*, e as imagens e sons presentes em cliques musicais tensionam para essa dimensão, possibilitando a abertura do campo de visão que pertence à geografia.

A questão é fazer das multiplicidades existentes os nossos caminhos de aprendizagem e conhecimento, tendo como meio interlocutor nesse processo a dimensão das imagens e a sua força poética criadora e potencializadora de novos sentidos de pensamento, efetuando artisticamente outras cargas de orientações no qual nos deslocamos espacialmente. Para pensar nesses sentidos criadores e potencializadores que a composição artística das imagens desperta nas diferenciações de suas multiplicidades poéticas, nos permitimos então ver as leituras geográficas que podem surgir do encontro dessas relações. ☺

REFERÊNCIAS

- BERNARDINO, Paulo. Intersecção das novas tecnologias. In: FURTADO, Beatriz (Org.). **Imagem Contemporânea**, vol. II. São Paulo: Hedra, 2009, p. 193-214.
- BONIFÁCIO, Felipe A. M. Entre as paisagens, as imagens: considerações metodológicas do vídeo Superagui Ilhados na contradição. **Revista Percursos – NEMO**. Maringá/PR, v. 5, n.1, p. 253-259, 2013.
- DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 2007.
- _____.; GUATTARI Félix. **O que é Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____.; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2ª edição, 2011.
- _____.; PARNET, Claire. **Diálogos**. (Trad. José Gabriel Cunha) Relógio D'Água Editores, 2004.
- FARO, Paula. Cinema, vídeo e videoclipe: relações e narrativas híbridas. **Revista Rumores** (Revista Online de Comunicação, Linguagem e Mídias), v. 4, n. 8, jul./dez. 2010.
- _____. **Procedimentos de criação do videoclipe no cinema**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008.
- FERNANDES, Anedmafer M. Paisagem sonora e o ensino de geografia: quatro minutos e trinta e três segundos de leitura do espaço. **Revista Entre-Lugar**. Dourados/MS, ano 1, n. 1, p. 113-132, 2010.
- FERRAZ, Cláudio Benito O. Imagem e geografia: considerações a partir da linguagem cinematográfica. **Revista Espaço & Geografia**, vol. 15, n. 2, p. 357-384, 2012.
- _____. Linguagens geográficas: outros possíveis minoritários. In: **Anais do XXI ENSUL – Encontro Sul-Mato-Grossense de Geógrafos e V EREGEO – Encontro Regional de Geografia**. Dourados/MS, 2013.
- _____.; NUNES, Flaviana G. O horizonte não é linear: paisagem e espaço na Perspectiva Audiovisual Linear de Anton Corbijn. **Revista Ateliê Geográfico**. Goiânia/GO, v. 8, n. 1, p. 166-180, 2014.
- _____.; _____. Ser Professor: deformar e criar pensamentos. **Revista Percursos**, Florianópolis-SC, v. 13, n. 02, p. 94-113, 2012.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Linguagens vídeo-geográficas: potencializações poéticas em imagens
Djeovani Roos

_____. Em torno de uma educação menor. **Revista Educação & Realidade**, n. 27, v. 2, p. 169-178, 2002.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LUCAS, Meize L. O cinema entre fronteiras. In: FURTADO, Beatriz (Org.). **Imagem Contemporânea**, vol. II. São Paulo: Hedra, 2009, p. 107-117.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Revista GEOgraphia**, ano 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

_____. Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço. **Revista Discente Expressões Geográficas**, Florianópolis/SC, n. 3, p. 142-155, 2007.

_____. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2009.

MELLO, Christine. **Extremidades do vídeo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

_____. Imagem digital como memória: experiências em Luiz duVa. In: FURTADO, Beatriz (Org.). **Imagem Contemporânea**, vol. I. São Paulo: Hedra, 2009, p. 145-161.

MOSTAFA, Solange P.; CRUZ, Denise V. N. (Org.). **Deleuze vai ao cinema**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2010.

NUNES, Flaviana G. (Org.). **Ensino de geografia: novos olhares e práticas**. Dourados/MS: UFGD, 2011.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Revista Pro-Posições**, Campinas/SP, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, 2009.

_____. Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar. **Revista Geografares**, n. 12, p. 1-49, 2012.

_____. Vídeos, resistências e geografias menores. Linguagens e maneiras contemporâneas de resistir. **Revista Terra Livre**, São Paulo/SP, ano 26, v. 1, n. 34, p. 161-176, 2010.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.

_____. **O que é geografia?** Texto inédito, 2007.

SANTOS, Fátima C. dos. **Por uma escuta nômade: a música dos sons da rua**. São Paulo/SP: EDUC – FAPESP, 2004.

SCHÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade**. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

Submetido em Setembro de 2015.

Aceito em Janeiro de 2016.